

Quinta-feira, 20 de maio de 2021

Como a falta de chuva recorde está fazendo a sua conta de luz ficar mais cara

O consumidor brasileiro deve se preparar para o próximo aumento no seu orçamento mais básico: a conta de luz. Com o menor volume de chuvas em mais de 90 anos, e os reservatórios das principais hidrelétricas nos menores níveis desde o grande apagão de 2001, o governo está sendo obrigado a acionar volumes vultuosos da energia de reserva do sistema brasileiro, fornecida basicamente por termelétricas.

A medida é necessária para que não haja risco de apagão ou racionamento nos próximos meses. O problema é que, abastecidas a carvão, gás ou óleo diesel, as térmicas são bem mais caras do que as usinas hidrelétricas, que usam a água dos rios e chuvas de graça – e toda a diferença é cobrada do consumidor, na conta de luz.

Essa fatura extra chega à casa dos brasileiros de duas maneiras: a primeira delas é por meio da política de bandeiras tarifárias, que, nos meses mais secos do ano, aciona a bandeira vermelha sobre a conta e coloca uma tarifa extra mais alta por cada quilowatt-hora (kWh) consumido. A taxa adicional é, justamente, pagar a conta das termelétricas.

O outro canal de aumento é por meio dos reajustes feitos anualmente no preço básico cobrado pelas distribuidoras. Eles são definidos pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) conforme o avanço de custos ao longo do tempo. Se, em um ano, a despesa aumenta demais, a conta acaba vazando para o reajuste do ano seguinte também.

Como neste ano as chuvas não vieram, mais térmicas estão tendo que ser acionadas, por mais tempo do que o previsto e, ainda, tendo que pagar muito mais caro pelos combustíveis, já que, como a gasolina ou o botijão de gás, eles também subiram para as geradoras. A situação resulta em uma pressão de custos triplamente maior.

Reservatórios vazios

Para se ter uma ideia do tamanho da crise, o nível médio dos reservatórios do sistema Sudeste e Centro-Oeste, o principal do país, está hoje em 33% de sua capacidade, de acordo com o Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), que monitora o abastecimento energético do país.

Como maio é o final do período chuvoso, deveria ser um dos meses mais cheios: no ano passado o nível estava em 55% e, antes de 2010, chegava sempre a esse período do ano acima dos 80%.

O sistema Sudeste/Centro-Oeste é onde está Furnas, em Minas Gerais, e de onde sai 70% de toda a energia hidrelétrica do país. É lá que não está chovendo: a precipitação sobre essas bacias, nos últimos meses, foi a menor desde que o país começou a monitorá-la, há 94 anos.

“Desde 2012, o regime de chuvas ficou pior, e os reservatórios estão enchendo menos”, diz João Carlos Mello, presidente da consultoria Thymos Energia.

"Abril e maio são o fim do período chuvoso, e a lógica é como a de uma caixa d'água: encho essas caixas durante as chuvas e, depois, no período seco, elas vão esvaziando. Mas estamos começando o período seco já com um número ruim."

Carlos Mello, presidente da Thymos Energia

Bandeira vermelha o ano todo

O resultado é que a bandeira vermelha –que já está acionada desde o início deste mês– deve ficar vigente praticamente por 2021 inteiro, o que pode significar até nove meses de conta de luz mais cara (de maio a dezembro) neste ano. O comum é que a bandeira máxima vigore por até quatro ou cinco meses, como foi em 2018 e 2019 (em 2020, as bandeiras foram suspensas por causa da pandemia).

A bandeira vermelha 1, em vigor neste mês, adiciona R\$ 4,17 a uma conta de 100 kWh. Como o consumo médio por domicílio no Brasil é de 160 kWh por mês, são R\$ 6,67 a mais numa conta básica.

A bandeira vermelha 2, que é ainda mais cara e é esperada já para junho, acrescenta R\$ 6,24 por cada 100 kWh, ou R\$ 10 a mais na média por residência. Há ainda a bandeira amarela, intermediária (R\$ 1,34 por 100 kWh), e a verde, usada nos meses de fatura e sem cobrança adicional. O sistema existe desde 2015.

Gasto recorde e reajuste mais alto

Os próximos reajustes anuais das distribuidoras, por sua vez, que começarão a vir entre o segundo semestre e o próximo ano, também devem ficar mais altos do que o normal. “Nos últimos anos muitos desses reajustes ficaram entre 3% e 4%. No ano que vem, certamente deve ser mais do que isso e mais do que a inflação”, diz Carlos Schoeps, diretor da consultoria em energia Replace.